

GUILHERME PINTTO

QUASE
DEI,
MAS
NÃO
DEU.

GUILHERME PINTTO

**QUASE
DEI,
MAS
NÃO
DEU.**

**HISTÓRIAS DE
AMOR QUE NÃO
DERAM CERTO.
OU DERAM?**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Guilherme Pinto, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Fernanda França
REVISÃO: Vanessa Almeida e Renato Ritto
DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
ILUSTRAÇÕES DE MIOLO: Elivelton Reichert
CAPA: Fabio Oliveira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Pinto, Guilherme

Quase dei, mas não deu. Histórias de amor que não deram certo. Ou deram? / Guilherme Pinto. - São Paulo: Planeta, 2021.

176 p.

ISBN 978-65-5535-583-3

1. Ficção brasileira 2. Histórias de amor I. Título

21-5227

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura brasileira

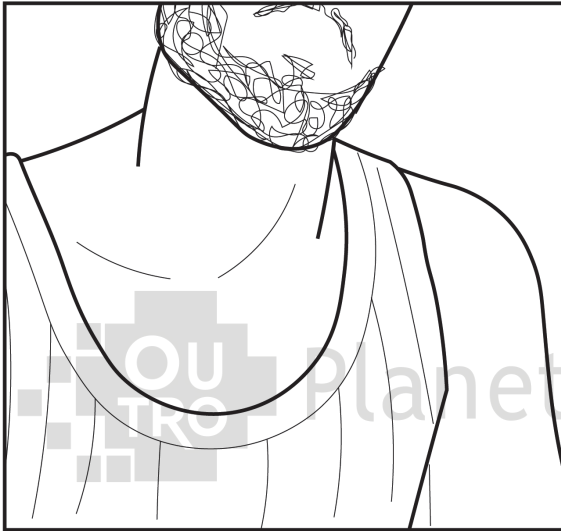


Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4^a andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



NÃO DEU. NÃO DEI.



Tudo começa com Bento. Bentinho. Meu vizinho. Eu tinha uns 16 anos na época e era o típico adolescente que andava de braço dado com a amiga, suspirando quando o crush passava. Assistia a todas as comédias românticas. Todas! Hoje eu não consigo chegar nem perto. Trauma? Vamos descobrir, leitor. Esse menino, pelas minhas contas, tinha uns dois anos a mais do que eu. Meio gordinho, com uma barba bem fechadinha, cabelo escuro, sardinhas no rosto e uma camiseta azul de time manchada de mostarda. Sempre imaginei que ele era o tipo de pessoa com cheiro de amaciante, sabe? Aquele cheirinho gostoso de gente limpa.

Sou do tempo da lan house. Jovens, vocês sabem o que é uma lan house? O titio aqui é do tempo da

internet discada, das locadoras que alugavam videogames. Todas as moedas que eu ganhava, gastava na locadora. Passava horas olhando o Bentinho, e ele me olhava também. Ficamos assim por uns dois anos. DOIS ANOS. Ele era do grupo popular do bairro, superquieta, diferente de todos os outros e, quando sozinho, a gente se comunicava pelos olhares enquanto passávamos lado a lado. Era algo sutil e doce. Inocente. No fundo, eu sabia que não aconteceria nada além de um beijo, mas eu queria tanto. Muito. Se não vai ser pelo amor, então vai... Mentira. Nada de tambor. Porém, descobriremos que na época eu não me amava o suficiente para entender isso.

Quando percebi que estava sentindo uma atração pelo Bento, fiquei horrorizado! As pessoas sempre me chamaram de bichinha a vida toda, no entanto, era algo tão inerente a mim que eu não havia parado para pensar se realmente eu era o que diziam. É meio engraçado porque eu tinha as minhas paixões por meninos desde criança. Não era algo específico da adolescência, do “momento de descoberta”. Não. Perceber-me “talvez” um cara gay foi bem difícil. Penso que para ele também (no caso de se sentir atraído). Os amigos, a família religiosa, os estímulos para a não aceitação eram maiores para ele. Um amigo meu da época contou-me que ele havia ficado com um rapaz na escola, mas ninguém sabia. Tudo segredo. Não sei se ele disse aquilo para me agradar ou se realmente foi verdade.

Conforme o tempo foi passando, nada saía do lugar. Eu comecei a me descobrir, entrei naquela fase em que alguns adolescentes experimentam tudo. No meio dessa confusão toda, até emo me tornei. Usava xadrez da cabeça aos pés. Igualzinho a uma bandeirinha de Fórmula 1. Com o meu grupo de emos, no dia do beijo, bejei

dezesseis pessoas. Dezesseis bocas. Dezesseis. Fazendo uma conta rápida aqui... Se movemos, em média, vinte e nove músculos ao beijar, como eu saí com higiene bucal nesse dia? Bom, adolescente, né?

Mesmo beijando do jeito que o diabo gosta, eu só pensava em um único beijo. O tempo continuou passando, passando... minha mãe, cigana de alma, chegou para nós (eu e o meu irmão) e disse:

— Guris, vamos nos mudar!

Eu parecia aquela música do Tchê Garotos, “Menininha”, chorando porque ia embora para longe do meu amor. E fui mesmo. No fundo, eu sabia que éramos de mundos muito distantes e que sermos vistos juntos era praticamente impossível. Detalhe: eu nem sabia se realmente o menino era a fim de mim. No dia vinte e quatro de dezembro de dois mil e alguma coisa, após ter dado uma de Sherlock Holmes, consegui o número do nosso querido com a prima dele. Eu, toda dramática desde sempre, ligo perto das oito horas da noite e ele atende.

— Alô?

— Oi, Bentinho. É o Guilherme. O Gui. Não fala nada, não, tá? Só me escuta.

E assim foi. Fiquei uns quarenta minutos falando ao telefone. Contei quando comecei a gostar dele, como me senti; tudo. Era quase uma ligação de despedida, como se eu não fosse durar mais que alguns dias (avisei do drama, né?). E ele ouviu. Do começo ao fim. Conseguiu ouvir sua respiração. Não me parecia cansada nem surpresa. Era uma respiração atenta, necessária. Como se ele puxasse daquela ligação algo do qual pudesse beber.

— Desculpa, mas eu não posso. Falow, falow.

Foram as únicas palavras depois do alô. Confesso que não fiquei arrasado, mas pensativo: será que inventei tudo

isso? Será que ele realmente tinha intenção quando nos olhávamos? No fundo, bem no meu interior, eu sabia que nunca daria em nada. Infelizmente não dei.

Digo, não deu.



**Qual a sua orientação
sexual, senhor?**

Senhor?

Desejo.



Planeta

